

BOM JESUS - RN: REDESCOBRINDO OS ESPAÇOS PRETÉRITOS

J. A. Lima Júnior¹ e F. E. Gonçalves²

E-mail: Jorge_gda@hotmail.com¹; ednardo.goncalves@ifrn.edu.br²

RESUMO

A paisagem das cidades pequenas evidencia rugosidades, fruto de um processo de formação que muitas vezes não está registrado nem divulgado nas instituições de memórias, como museus, centros históricos, instâncias governamentais e fundações que demandam essa preocupação em resgatar tais aspectos. Desse modo, tendo em vista a comemoração dos 50 anos da cidade de Bom Jesus-RN, antigo povoado de Panelas, consideramos conveniente suscitar uma reflexão sobre o resgate da memória coletiva. Já que essa apresenta um papel fundamental na construção da história, que por sua vez, faz uma leitura do passado para entendimento do

presente e possível projeção para o futuro. Assim, na perspectiva da Geografia Histórica, o objetivo do presente trabalho é elaborar uma discussão sobre o resgate da memória coletiva em cidades pequenas a partir da reconstituição das paisagens. Nossa pesquisa, se justifica entre outros fatores em função da quase total inexistência de investigações sistematizadas sobre a cidade em questão. Os instrumentos da pesquisa utilizados constituem-se em levantamento bibliográfico, pesquisa documental e história oral com representantes da população local.

PALAVRAS-CHAVE: Bom Jesus-RN, Paisagem e Espaços Pretéritos.

BOM JESUS-RN: SPACES PAST REDISCOVERING

ABSTRACT

The landscape of small towns shows roughness, the result of a process of training that is often not recorded or disclosed in memory institutions such as museums, historical centers, government agencies and foundations that require this concern in rescuing these aspects. Thus, in order to commemorate the 50th anniversary of the city of Bom Jesus-RN, former village of Cookware, we consider convenient, prompt a debate about the rescue of collective memory. Since this presents a fundamental role in the construction of history, which in turn, makes

the reading of the past to understand the present and possible future projection. Thus, from the perspective of historical geography, the aim of this work is to develop a discussion about the rescue of collective memory in small towns from the restoration of landscapes. Our research is justified among other factors due to the almost total absence of systematic investigations on the city in question. The research instruments are used in literature, documentary research and oral history with local representatives.

KEYWORDS: Bom Jesus-RN, Landscape, Spaces Past.

1 INTRODUÇÃO

Diante dos debates desenvolvidos no Núcleo de Pesquisas e Estudos Geográficos (NUPEG), do curso de Licenciatura Plena em Geografia oferecido pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), Campus Natal-Central, sentiu-se a necessidade de se investigar na perspectiva da Geografia Histórica, a cidade de Bom Jesus-RN, antigo povoado de Panelas, localizada a 57 quilômetros de Natal, capital do Estado do Rio Grande do Norte.

Tendo em vista, a comemoração dos 50 anos da cidade, consideramos conveniente suscitar uma reflexão sobre o resgate da memória coletiva, já que a memória, na qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro. Dessa forma, procuramos observar as transformações da paisagem, a dinâmica espacial, os cidadãos que contribuíram com a vida política e cultural da cidade, além de outros aspectos.

Já que no processo de formação das cidades pequenas, muitas vezes não está registrado e divulgado nas instituições de memórias, como museus, centros históricos, instâncias governamentais e fundações nas quais demandam essa preocupação em resgatar tais atributos.

Essa busca de identidade se dá a partir da preocupação das pessoas, que percebem alguns laços históricos e culturais nos quais vem se perdendo com o tempo, procurando então, a partir da investigação do passado, resgatar suas origens e as mantê-las guardadas na escrita e nos registros fotográficos.

Assim, diante de nossas leituras e investigações realizadas, percebemos que a caracterização das cidades brasileiras e em específico, das pequenas cidades, vem sendo apontado nos lugares, nas paisagens, edificações, costumes, culturas e no cotidiano dos habitantes que as fazem.

Portanto, o sistema urbano brasileiro que se configura de modo extremamente complexo, vem necessitando de investigações que contemplem os mais variados aspectos, em que o recorte espacial direciona-se para o Estado do Rio Grande do Norte, que possui atualmente 167 municípios, cujas sedes, por força de lei são consideradas cidades e que em 2012, desse contingente de cidades, vinte e oito chegarão ao seu cinquentenário de emancipação política.

2 A PAISAGEM E AS ARTICULAÇÕES ESPAÇO-TEMPO ATRAVÉS DA HISTÓRIA ORAL E MEMÓRIA COLETIVA

A paisagem surge então como fator importante para construir, resgatar e até mesmo contar a história do lugar, através de suas marcas deixadas no espaço. Já dizia Santos (1998) “Uma paisagem é uma escrita sobre a outra, é um conjunto de objetos que têm idades diferentes, é uma herança de muitos diferentes momentos”.

Dessa forma, é de uma importância ímpar, o estudo da paisagem no *locus* para procurar desvendar os antigos espaços pretéritos, como também das mais diversas fontes orais, documentais e fotográficas disponíveis para tal.

Com o intuito de se apropriar e de resgatar esses espaços pela paisagem, Andrade (2008, p. 43) afirma que, para reconstituir uma espacialidade pretérita não se pode prescindir das imagens, especialmente as fotografias antigas.

No entanto, SILVA (2012, p. 2) afirma que:

“Para ir ao encontro da interpretação dos lugares, a geografia tem que considerar que as formas sociais são produtos históricos, resultado da ação humana sobre a superfície terrestre, e que expressam a cada momento as relações sociais que lhe deram origem”.

Ou seja, essas formas sociais expressas historicamente, são resultado das ações humanas e das relações sociais que ficaram expressas nas paisagens e nos costumes dessas sociedades, prevalecendo uma sintonia da paisagem com o lugar.

Assim, o papel da paisagem está estreitamente ligado a esse entendimento, já que,

“A paisagem tem dimensões que perpassam pelos sentidos humanos, isto é, pelas percepções, sendo marcada por relações sociais dadas ao longo do tempo” (COSGROVE, 1999 e 1998; CÔRREA e ROSENDAHL, 2003, 2000 e 1998)

Para entendermos as articulações espaço-temporais, precisamos ter em mente as periodizações e os recortes temporais de cada lugar, como já dizia Santos (2004, p. 159) encontramos simultaneamente a diacronia, ou eixo das sucessões, a sincronia, ou eixo das coexistências, o tempo das diversas ações/diversos atores.

Dessa forma, em cada lugar os sistemas do acontecer social se distinguem por sucessões de fatos, ações e acontecimentos. Ou mesmo, pela coexistência desses fatos, intercruzando-se, cabendo ao pesquisador analisar com maior atenção o recorte espaço-temporal.

Nesse trabalho identificamos os dois eixos diante do levantamento das memórias (que veremos posteriormente na 3ª seção), o eixo de sincronia e o eixo de diacronia espaço-temporal.

Na questão do entendimento espaço-temporal é necessário identificar o que é ou o que são os eventos. Para Milton Santos (2004, p. 147), os eventos mudam as coisas e transformam os objetos, dando-lhes novas características. “Os eventos históricos supõem a ação humana. De fato, evento e ação são sinônimos”.

Os eventos são as ações desempenhadas no tempo e no espaço, dando origem aos processos sociais, econômicos e culturais nesses determinados espaços.

Nesse sentido, nos primórdios, os antigos povos antes de colocarem em prática a escrita como forma de registrar e guardar qualquer tipo de informação, todo saber e conhecimento eram transmitidos oralmente de pessoa para pessoa, não existindo a preocupação de anotar o que era dito.

Promovendo, portanto, uma importância dada à memória dos homens dessas sociedades tradicionais, em que memória era o único recurso para armazenar e transmitir o conhecimento às futuras gerações de pai para filho, constituindo os eventos históricos da ação humana no espaço.

Assim, o homem confiava na sua memória e nas suas experiências, resgatando qualidades tão necessárias ao desenvolvimento humano a partir da necessidade de cada grupo e de cada comunidade.

Então, a partir de fatores exógenos e até mesmo endógenos, a sociedade pôde se adaptar, aperfeiçoar e até se modificar ao ponto de perder sua identidade antes configurada no seu espaço, ao ponto de aglutinar a uma nova proposta mais atrativa e/ou diferente, se assim permite-se falar, satisfazendo seus anseios e ficando ou se aproximando do que “todos” estão fazendo-praticando.

Entendemos que a história oral desdobra-se em formas de perpassar o que sabemos e o que podemos recordar, tornando-se frágil diante das modificações em que as sociedades estão sujeitas.

Segundo Meireles (1979, p.41):

“O ofício de contar histórias é remoto (...) e por ele se perpetua a literatura oral, comunicando de indivíduo a indivíduo e de povo a povo o que os homens, através das idades, têm selecionado da sua experiência como mais indispensável à vida”.

Ou seja, os povos antigos passavam e relatavam as histórias a partir do que eles consideravam de cunho importante e que muitas vezes levavam as suas impressões e interpretações diante dos mais variados assuntos, contrapondo experiência com a verdade, assim, a história oral valoriza os aspectos subjetivos do comportamento de quem a narra, sendo essa característica particular.

Dessa forma, a história oral é tomada como fonte de compreensão do passado, caracterizando-se por ser produzido a partir de um estímulo entre o entrevistador e o entrevistado, a fim de compreender, investigar e interpretar acontecimentos de um grupo ou sociedade, facilitando a apreensão do passado por gerações futuras, segundo orienta o Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil.

Percebe-se, no nosso trabalho que existe a importância não somente da construção e preservação da memória, mas também da sua democratização e socialização entre os indivíduos para poder ser potencializado esses processos e ações.

Assim, entendemos que:

A Memória, no sentido primeiro da expressão, é a presença do passado. A memória é uma construção psíquica e intelectual que acarreta de fato uma representação seletiva do passado, que nunca é somente aquela do indivíduo, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social, nacional (MOREIRA, 2007).

A memória é constituída e legitimada como história a partir da aceitação e ênfase de um grupo social ao qual um indivíduo está inserido e se sente pertencente desse. Já Pollak (1992) também afirma que “existem lugares da memória, lugares particularmente ligados a uma lembrança, que pode ser uma lembrança pessoal, mas também pode não ter apoio no tempo cronológico”.

Ou seja, a memória do indivíduo pode estar ligada diretamente ao tempo psicológico ou mesmo a um tempo determinado por ele mesmo na sua subjetividade, como em conformidade com a relação espacial em que se deu alguns momentos, marcando ou não a paisagem do lugar, relacionando-se a sincronia e também a diacronia.

Ainda assim,

A natureza da memória coloca muitas armadilhas para os incautos, o que freqüentemente explica o ceticismo daqueles menos informados a respeito das fontes orais. Porém, oferecem também recompensas inesperadas para um historiador que esteja preparado para apreciar a complexidade com que a realidade e o mito, o “objetivo” e o “subjetivo”, se mesclam inextricavelmente em todas as percepções que o ser humano tem do mundo, individual e coletivamente (THOMPSON, 1992, p. 179).

A memória pode trazer laços de vontade do indivíduo, no qual encontrar-se narrando e não necessariamente ser o verdadeiro fato ocorrido, mas o fato desejável por quem narra, abrindo a possibilidade de dar às imagens e recordações embaçadas, confusas, dinâmicas, fluidas, fragmentadas, certa organização e estabilidade para o desenrolar da história, mas que também é de grande valia para a reconstituição dos momentos.

Segundo Halbwachs (1990, p. 80-81), entende-se que:

Quando a memória de uma sequência de acontecimentos não tem mais por suporte um grupo, aquele mesmo em que engajada ou que dela suportou as consequências, que lhe assistiu ou dela recebeu um relato vivo dos primeiros atores e espectadores, quando ela se dispersa por entre alguns espíritos individuais, perdidos em novas sociedades para as quais esses fatos não interessam mais porque lhe são decididamente exteriores, então o único meio de salvar tais lembranças é fixá-las por escrito em uma narrativa seguida, uma vez que as palavras e os pensamentos morrem, mas os escritos permanecem.

Desse modo, a preocupação com o registro dos fatos se dá pelo dinamismo das memórias coletivas, nas quais vivem em constantes transformações, junto com os períodos de ruptura ou pela própria quebra de tradição promovida por fatores exógenos.

Em preocupação com o que possa acontecer em relação a possibilidade da perda dessa memória coletiva, Nora (1984) aponta para o diferencial entre a memória e a história. Ou seja, a memória, seja ela coletiva ou individual, é sempre seletiva, em que só nos lembramos daquilo que queremos lembrar. Adotando de forma involuntária, uma característica que se constitua vulnerável e descontínua.

Nessa perspectiva, ESTAVILLE JR. (1991, p. 315-322), fala que:

A vantagem da abordagem sincrônica-diacrônica é possibilitar o estudo conjunto da estrutura e do processo. Como o recorte sincrônico congela um padrão espacial, perde-se informação referente ao processo, situação que se inverte ao utilizar-se a análise diacrônica, pois temos muita informação referente ao processo, porém perde-se informação a respeito dos padrões espaciais.

O registro escrito sobre o passado geográfico histórico e a história oral contada a partir das memórias do coletivo, produz realces sobre os processos históricos, políticos, econômicos e sociais, compondo o reconhecimento das identidades no espaço, proporcionando o reconhecimento dos grupos sociais no lugar através das relações espaciais e temporais, daí a importância de tal registro a partir também das leituras feitas na paisagem.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Realizamos visitas e entrevistas *in loco*, com o intuito de analisar os costumes, relatar experiências de vida e vivências de alguns habitantes da cidade no período desses cinquenta anos de emancipação política. Preferimos também por escolher de forma aleatória as pessoas que seriam entrevistadas, a fim de deixar a pesquisa menos tendenciosa possível, não escolhendo as pessoas por qualquer classificação, muito menos por condição social. Destacamos que tais análises são feitas de forma qualitativa e as mesmas não contemplam a totalidade.

Já que partimos do pressuposto que para atingirmos o objetivo no qual se propõe, recorreremos à reconstrução da memória coletiva, por meio da história oral, e o levantamento de registros fotográficos, observações diretas, anotações, e entrevistas estruturadas e semi-estruturadas junto ao público-alvo, procurando sempre estabelecer uma relação entre os questionamentos, observando as colocações e comparações de alguns moradores, em algumas das questões propostas e levantar as lembranças que os habitantes mais antigos têm do passado da cidade, como por exemplo em saber quais as lembranças que se tem de Bom Jesus no período de infância e adolescência, de como era o dia-dia da cidade num tempo passado, dentre outros fatores ocorridos nesse intervalo de cinquenta anos.

Segue, portanto, algumas questões a serem analisadas que consideramos mais pertinentes, nos respectivos quadros:

Quadro 1 - Algumas questões relativas as pessoas e a cidade

Morador (a)	Questão 5 - Como era o dia-dia de Bom Jesus quando o senhor (a) chegou aqui?	Questão 6 - Quais as lembranças que você tem de Bom Jesus na sua infância e adolescência?
M1	Aqui era muito calmo, as pessoas trabalhavam na agricultura, pouca gente andando na rua. A gente dormia até com a porta aberta que não acontecia nada. O povo trabalhava no algodão e na colheita, tinha comércio pequeno. A igreja já existia, ela passou por duas reformas, a primeira em 1917, mas já existia antes. Era só uma capelinha, depois que cresceu.	Lembro muito bem quando começou as aulas aqui, eu para porta da escola só para brechar os alunos, eu queria estudar!
M2	Era uma cidade muito pacata, simples. Não tinha energia, a mesma era na base do lampião e depois passou a ser a motor.	Me lembro das quadrilhas, das cavalhadas, dos carnavais, festas religiosas e do padroeiro que se comemorava.
M3	Era ótimo, era mais tranquilo. A juventude era mais inocente. As escolas funcionavam.	Pagava uma menina para anotar os deveres da escola. Brincava com as amigas. A sede reunia a juventude. Jogava vôlei na quadra e antes era na areia da lagoa que ficava onde hoje é o mercado.

Diante das observações e entrevistas realizadas, observamos uma heterogeneidade quanto às características de alguns dos moradores e seu papel na cidade, como também do tempo de moradia e a diferença de idade.

No que norteia a análise do Quadro 1, relacionando a análise da questão 5, podemos perceber que a cidade tinha antes características marcantes de pequena cidade de interior, no tocante principalmente a tranquilidade, pacacidade e pequenas relações comerciais, enfatizado pelo morador (M1). A partir da relação com os moradores podemos elencar que dentro desse intervalo de cinquenta anos, a dinâmica socioespacial teve mudanças significativas, nas quais a população mais antiga presencia atualmente, como o comportamento de alguns jovens e pelas atividades dos aparatos públicos.

Podemos também observar que a infraestrutura da cidade era mínima em que não existia energia elétrica e que se fazia uso de lampiões para poder ter luz no turno noturno, como afirmado pelo morador (M2). Quanto a análise da questão 6, observamos a heterogeneidade de atividades e lembranças que norteavam as memórias de infância dos(as) três entrevistados(as), em que percebemos a diversidade como da intenção de se querer estudar junto as demais crianças, como destacado por M1, das festividades realizadas na cidade através das mais diversas datas e eventos comemorativos, elucidado por M2 e por momentos de infância retratado por M3 através das brincadeiras e práticas esportivas.

Quadro 2 – Algumas questões sobre o dia-a-dia da cidade

Morador(a)	Questão 7 – Em sua opinião, quais as pessoas que contribuíram para a vida de Bom Jesus cidade?	Questão 12 – Quais as principais mudanças (na paisagem) que você observa em Bom Jesus nesses 50 anos de emancipação política? Por quais razões tais mudanças ocorreram? Cite as diferenças entre o passado e o presente.
M1	Era seu Marinho, seu Manoel Terto (ex-vereador) Luís Gomes, Chico bedê, Antônio Marques (comerciante) foram políticos aqui. O primeiro prefeito nomeado foi Ariteu Ramalho, morava aqui mas não lembro se era daqui. Hambrosina Lima foi uma das primeiras professoras, tem inclusive uma escola com o nome dela, há ela veio das bandas do sertão.	Aumento de escolas, crescimento do comércio. Mudanças boas e ruins. Entre as mudanças ruins destaco a malandragem (violência). Tá perigoso.
M2	Os antigos prefeitos, Lelinho, Natanael, Moacir. Acho que os prefeitos.	O crescimento da zona urbana teve uma expansão. A procura de moradia, as pessoas saíram da cidade grande para morar aqui no interior. Devido a instalação da BR e da chegada da água que Bom Jesus cresceu. Sem a água as pessoas começaram a sair da cidade e com a água, elas passaram e retornar.
M3	Teve muitas pessoas. Dona Iva que preparava um picado maravilhoso na banca dela e Paulo Maneco que foi vereador da Câmara.	Não teve muitas mudanças não, só a casa paroquial e algumas pessoas que faleceram, as pessoas mais antigas. Aqui pouco mudou por que tem pessoas que moram a mais de quarenta anos aqui. Teve mudanças na educação quanto a oportunidade de fazer faculdade.

Considerando o Quadro 2, na questão 7, M1 e M2 primaram por elucidar os políticos como as pessoas que contribuíram para a vida na cidade, já M3 considerou uma comerciante da feira livre como importante nessa relação para com as atividades da cidade, ou seja, as pessoas mais antigas dão uma maior importância para personalidades políticas locais, resultado esse, de uma cultura da antiguidade em que somente as pessoas com certos cargos eram consideradas importantes nos mais diversos parâmetros. Já na questão 12, M1 e M2 colocaram que a cidade teve uma grande mudança em relação a infraestrutura, considerada hoje, como básica por disponibilizar abastecimento e distribuição de água, energia elétrica, ruas pavimentadas (em sua maioria), dinâmica comercial, dentre outros. No qual serve para o entendimento da atual configuração da cidade. Já M3, por ter uma realidade temporal mais recente, não identificou tanta mudança, mas identificou uma mudança pontual que foi na educação, que em sua visão, melhorou consideravelmente na cidade.

4 CONCLUSÃO

Consideramos por fim que diante da proposta do trabalho, optamos por primar pelo levantamento bibliográfico fazendo uma relação direta com o nosso objeto de estudo, visto que pudemos ter uma breve noção que nos ajuda a refletir sobre o resgate da memória coletiva, observando as transformações da paisagem na cidade de Bom Jesus-RN e algumas entrevistas realizadas com parte da população. Ressaltamos ainda que essa pesquisa não tem caráter conclusivo e que é necessário fazer mais e mais desdobramentos, já que estamos necessitando de mais levantamentos de dados em campo através da história oral com representantes da população, de preferência a da melhor idade, já que a pluralidade de características presentes no nosso país-estado e conseqüentemente no município de Bom Jesus-RN é intensa, nos âmbitos histórico-culturais e regionais.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- COSGROVE, D. A Geografia Cultural do Milênio. In: ROSENDAHL, Z.; CÔRREA, R. L. **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EdEURJ, 1999. p. 17-49;
- ESTAVILLE, JR., Lawrence E. Organizing Time in Historical Geography. In: GREEN, D. Brooks (ed.). **Historical Geography: a methodological portrayal**. Savage, Maryland: Rowman & Littlefield Publishers, c1991. p. 310-324;
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990; MEIRELES, Cecília. **Problemas da Literatura Infantil**. São Paulo: Summus, 1979;
- MOREIRA, Raimundo Nonato Pereira. **História e memória: algumas observações**. Disponível em: <http://www.fja.edu.br/praxis/praxis_02/documentos/ensaio_2.pdf>. Acesso em dezembro de 2007.
- NORA, Pierre. **Entre mémoire et histoire**. Paris: Gallimard, 1984;
- POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. In: Estudos Históricas, Rio de Janeiro, vol.2, n.3, 1992;

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do Espaço Habitado**, fundamentos Teórico e metodológico da geografia. Hucitec.São Paulo 1988;

_____. **A Natureza do Espaço**: Técnica e tempo. Razão e Emoção. São Paulo: Edusp, 4. ed. 2004;

SILVA, Marcelo Werner da. **A Geografia e o estudo do passado**, Terra Brasilis (Nova Série) [Online], 1 | 2012;

THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado**: História Oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.